



CARICIAS D'UMA VERDADEIRA AMIGA

N.º 378 Lisboa, 19 de Maio de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtôr e Proprietario: J. J. DA S. LVA GRACA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redicção, Administracção e Officinas de Compo

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas médicas. Existem excepções: a uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes anno, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação veiu por casualidade deparar com o que precisamente se curava e não só pôde curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descberta foi pr vada em todas as classes de hernias com o maior resultado, pois ficaram todas absolutamente curadas. Talvez que V. S.^a já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.^a tenha já



cura V. S.^a a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo

li-o ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o dec. bridor d'esta cura offerece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que soffra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenaes de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura effectua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupaço'es ordinarias da vida seguem se perfeitamente enquanto que o tratamento actual e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornam necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte affectada chega a ficar tão forte e tão sa' como antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que soffram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remettem sem despesa alguma e confia-se que todos que d'ella necessitem se aproveitarão d'esta generosa offerta. E' sufficiente encher o coupon inclyso e enviar-o pelo correio á direcção indicada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA

WILLIAM & RICE, S. 944, B & G, Stone-cutter Street, Londres, E. C., INGLATERRA.

N me _____
En'ereç' _____

Piperazina
MIDY
cura *Gota,*
Reumatismo,
Areia.
Exijir a Marca
MIDY PARIS

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.



Comprem os Bordados Schweizer

que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS Desde frs 5.80 VESTIDOS Desde frs 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA Desde frs 7.75

O melhor bordado suasso, sobre batiste, voile, tulle, crépon, marquissete, la e sobre veitas novidade.

PEÇA AMOSTRAS E FIGURINOS FRANCO

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confecção, mas enviamos os padrões cortados para todos os nossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C.^{IE}
LUCERNE A 22 (Suissa)

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS



Stilli-Flore

Perfume d'uma concentração até hoje desconhecida.

Basta uma gotta para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressão na extremidade do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

19--5--1913

N.º 378

A PAZ.—*Inaugura-se em Paris o 8.º Congresso internacional da Paz; instala-se em Berne, sob a presidência do conselheiro nacional Griman, o comité destinado a evitar uma colisão entre a França e a Alemanha.*

As intervenções pacifistas, especie retorica da diplomacia profissional, continuam a exercer-se no sentido da imobilisação de todas as tentativas de solução armada dos conflitos internacionais. E', sem duvida, um esforço generoso; mas é tambem um esforço inutil. Os destinos das nações regem-se por leis imutaveis, que a boa vontade dos comités não pode rogar. A guerra de amanhã não será, como pretende Fouillé, uma luta de raças, uma guerra entre craneos compridos e craneos largos,



uma batalha em que a humanidade se exterminará por um ou dois graus a mais ou a menos no indice cefálico; mas não deixará de ser a unica maneira de adquirir e de fazer respeitar direitos, o unico processo de solver os conflitos de interesses entre as nações, a mais rapi-

da forma de restituir ás situações internacionais instaveis o equilibrio constantemente perturbado por sucessivas combinações de forças. E' a necessidade instintiva d'esse equilibrio que amanhã lançará, umas contra outras, as imensas florestas de ferro que são os exercitos modernos. A guerra, afinal, como já disse o velho Montaigne, não é senão um esforço veemente e universal pela conquista da paz.

FEMINISMO.—*As sufragistas de New York realisam uma parada eminista de trinta mil mulheres e rabalham para que as archimilhoarias norte-americanas boicotem os paizes onde a causa sufragista está oprimida.*



O insuccesso da proposta de lei Dikson, pela qual era concedido o direito de voto a seis milhões de mulheres, interessou na causa sufragista a loira filha de *Onie Sam*. Enquanto em Londres as propagandistas pelo facto fazem voar as estações de caminho de ferro, tentam raptar os ministros, disparam tiros de canhão e colocam bomoas de dinamite debaixo da cadeira episcopal da catedral de S. Paulo; enquanto as italianas se armam para a luta, pelo menos com excelentes razões, sob a inspiração inteligente da marqueza de Pellicano; enquanto as proprias turcas, do fundo dos seus gineceos vermelhos, pedem, não já direitos politicos, mas a dignificação da mulher e o respeito pelo sexo, — as americanas, no intervalo d'uma partida de tennis, pensam a serio na *boycotage* como meio de redução violenta das nações ao regimen do sufragio feminino. Não me surpreenderá se amanhã as calmas «trasatlanticas» que Abel Hermant pintou, com



os cabelos doirados e o sonho das aristocracias latinas a brincar-lhes nos olhos, se lembrarem, simples e praticamente, de boicotar o amor. Seria a resurreição da *Lysistrata* grega de Aristophanes, que, embrulhada no seu *peplos* amarelo e erguida nos seus sócos persios, ameaçava despovoar o mundo.

ARTE.—*Abre-se ao publico, no palacio da Rua Barata Salgueiro, a exposição Nacional de Belas Artes.*

Os quadros de genero que mais se impõem são: *Cebolas*, de Malhõa, composição de forte caracter e de vigorosa cor; *Apanha do Sargajo*, de José Veloso Salgado, tela de larga e firme execução; *Raios de Sol Ardente*, de Carlos Reis, estudo d'ar livre, á hora quente e doira-



da do meio-dia; *Triptico*, de Constantino Fernandes, composição delicada e de seguros efeitos, em cujo painel central ha uma cabeça de mulher deliciosamente tocada. Os retratos mais notaveis são: *Manuel Emigdio da Silva* e *Augusto Machado*,

por Carlos Reis; *M.ª Silvestre d'Almeida*, por Salgado; *M.ª Sagastume*, por Malhõa, — este ultimo um pouco prejudicado pela luz fria das instalações. Na paizagem distinguem-se: *Arvore em Festa*, do algarvio Trigos; uma pequena *mancha* de crepusculo assinada «Calderon»; e outra pequena tela de Malhõa, onde ha, batido de sol, um trecho verde de campo minhoto, que é uma maravilha. Faz a sua primeira exposição um moço artista de quatorze anos, uma revelação e uma esperanza: o filho de Carlos Reis.

LETRAS.

Entre os ultimos livros de prosa apparecidos, ha dois dignos de registo: *D' Pedro e D. Inez*, de Antero de Figueiredo, larga e nobre pintura gotica das paixões e das figuras d'uma epoca baroara; *Sempre Virgen*, de



Sousa Costa, romance moderno, agitado, impressivo, d'um forte sentimento e d'uma intensa analyse. No primeiro, cujo autor vacila entre a lenda e a historia, mas sempre em plena beleza, a Inez é ainda uma Inez hieratica, uma Inez de vital, uma Inez de iluminura, uma Inez envolvida na uréola da mocidade, da candura e do sacrificio; — mas os seus gestos começam já a sofrer um esboço de interpretação histórica, que a aproxima da realidade e da vida. Um passo mais, e chegar-emos á verdadeira Inez, — uma Inez quarentona, amante d'um infante gago, violento, psicopatta sexual, que interveiu na politica interna e externa do paiz, e que foi decapitada, *decolata fuit* — diz um documento e revela-o o ediciclo do tumulo — por ter claramente atentado contra a segurança do Estado.



JULIO DANTAS.

MENDIGOS

Ao cair d'uma aspera noite de fevereiro, um mendigo pediu pousada n'um casal abastado, que ficava perto do caminho esborado pelos enxurros. E como lhe não dessem escudela de caldo ou naco de toucinho, o velho, tropego, estirou-se fatigado, tirou do bernal um bocado de pão recesso, e pôz-se a roê-lo de vagar.

Pela telha-vã do casebre entrava um luar frio, cuja luz se arrendava em teias de aranha; e uma lamina que se diria de prata brunida alumiaava nitidamente a figura do pobre, embrulhado no capote roto de burel, enlameado dos caminhos invernosos.

Era uma figura meã, ossuda, trigueira, a dobrar para a terra, mãe de todos, e para onde os que chegam a velhos naturalmente se inclinam, á procura talvez de descanso e conchêgo...

Tinha o nariz curvo, adunco, de ave de pilhagem, as barbas grisalhas e ralas. A mascara franzia-se-lhe ás vezes em rugas dolorosas, que se vincavam depois n'uma ironia amarga. Ao luar algido, a palidez do velho era quasi livida, e o olhar, se um momento se amortecia, logo voltava a cintilar, aos relampagos. Afogado na palha e embrulhado na capa, o velho cerrára os olhos e adormecêra. Em momentos, o palheiro mergulhára n'uma escuridão lóbrega. Bulcões espessos toldaram a lua, sempre amorosa e candida. O silencio era quasi o d'uma cripta.

Horas passadas, o pobre acordou ao ladrar d'um cão vigilante—e dentro em pouco a porta do palheiro abria-se, e entrava outro mendigo. A' luz frouxa d'uma lanterna que um servo suspendia, recortava-se a mancha do pobre que chegava cheio de lama, a' acola vazia, uma velha manta aos hombros.

—Está outro d'aquela lado, explicou o serviçal, com má cara, erguendo a lanterna.

A luz deu de chapa no rosto do recém-vindo: era oval e doce, de olhos cismáticos, com barbas d'um loiro em que hou-

vesse nevado. Coxeava um pouco; e a mão ossea e fina apoiava-se ao cajado de zambujo.

O ganhão afastou-se, desandando o cravelho da porta. O recém-vindo enrolou-se na manta coçada e estendeu-se nas palhas. Ouvindo o companheiro mexer-se, murmurou:

—Boa noite!

—Boa noite!—resmungou o outro.

Uma bâtega chicoteava as telhas, e o vento sussurrava nas arvores, com o som lúgubre d'uma cachoeira.

O céu, porém, ia de novo clareando, levadas as nuvens pela rajada forte—pois já pelas frestas do tugúrio a lua vinha es-

preitar outra vez, á maneira das quimeras da vida, que de quando em quando aparecem no meio dos tormentos.

—Parece que o tempo vaé alimpendo, disse o primeiro mendigo. E' fevereiro...

Mas o frio aperta que tem diabo.

—Já faz luar—tornou o outro.

—E' mez de aguaceiros... Se viesse o calor! Agora rapa-se um frio de bater o queixo.

—E fome... volveu o recém-vindo, aconchegando-se. Nos verões pesa menos a miséria; ha fruta brava, ao menos, e a gente dorme bem ao relento...

A chuva cessára;

a ventania sussurrava menos, como asas grandes fatigadas; a lua alumiaava docemente o palheiro, com o seu velho amor pelos mendigos e pelos poetas.

Então o pobre moreno fitou o rosto do companheiro, soerguendo-se, como que a certificar-se, a recordar-se:

—E' de longe? perguntou.

—De muito longe...

—De que bandas? Parece que conheço a voz...

O outro tambem se sentára nas palhas, medindo o companheiro:

—O' Antonio! exclamou o recém-vindo.

—O' Luis! quem me havia de dizer que eras tu!

—Ha que mundos—tornou o mendigo trigueiro, que eu não sabia de ti, Luis!



Palavra, que até me passou pela cabeça que tivesses morrido... A gente fica às vezes como os cães, pelas estradas... E para os velhos, que carrasco de tempo, Luiz! Ora não ha! Quando nos topamos para lá das serras, ainda tu trabalhavas nos campos... Depois ouvi que ficaras coxo d'uma queda, que adoeceças, e que andavas como eu...

—E' verdade. Antonio, é verdade!
—O' Luiz, olha que o mundo dá muita volta!

O outro abaixou a cabeça com tristeza.
—Se tu soubesses!... tornou o triqueiro.

—O quê?! perguntou Luiz, olhando o companheiro, que reconsiderou, emendando:

—Se soubesses o que eu tenho passado!

—E eu, Antonio, e eu!

—Mas tu assim o quizeste... Eu já vim ao mundo para isto; mas tu, Luiz!

O outro ficou silencioso. Com a cabeça caída sobre o peito, dir-se-ia, á luz baça, aureolado d'um sonho belo e triste.

—Ouves, Luiz? Este mundo precisava de outro dilúvio... Trabalha a gente, p'ra rilhar um osso; e depois que se não serve p'ra nada, nem o osso, Luiz! Isto anda torto...

—A vida é assim, tornou o companheiro resignadamente. E' tudo assim!

—O' Luiz! então faltar-se á palavra, roubarem-nos a felicidade, escorraçarem-nos...

O outro ergueu a cabeça melancolica, como a perguntar-lhe o que ele queria dizer.

—Sei tudo, sei tudo!—foi a resposta ao olhar interrogador de Luiz.

—Quem t'o disse?!

—Ouvi-o ha muito, e lembra-me sempre... A's vezes, quando os via, pensava na tua vida... O' Luiz, se fosse comigo!
—Onde os viste?... Onde foi que a viste?!

—Ainda em agosto, ha de fazer um ano, n'uma romaria...

—E ela?!

—Na romaria do Senhor da Serra, que é muito grande...

—E ela?!

—Ora, ela! Alegre como uma cotovia. Grandes arrecadas, cordões de oiro ao peito.

—Mas deve estar velha, Antonio...

—Velha! Velhos estamos nós... Velho estás tu, e desgraçado, por causad'ela...

Ela foi a culpada, Luiz!

—A gente sabe lá!...

—Isto anda torto, isto anda torto!

E o rosto vincava-se-lhe, o olhar faisca-va-lhe.

—Terá filhos? perguntou Luiz.

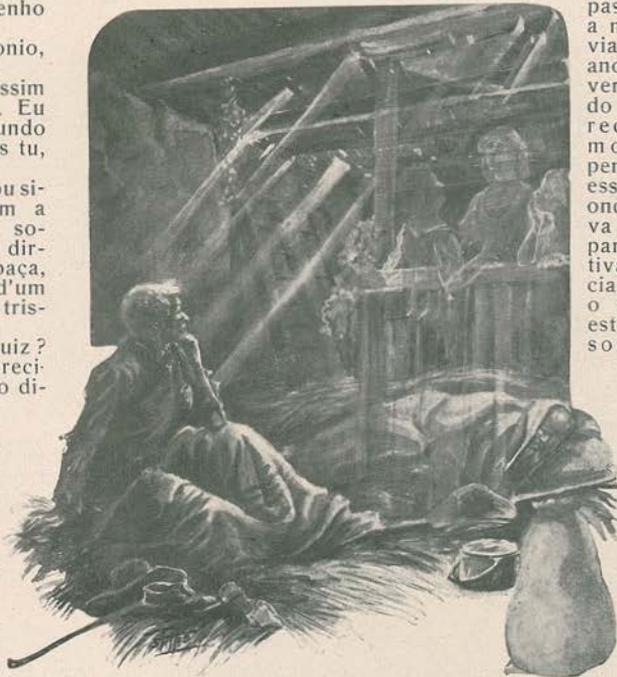
—Ouvi dizer que não...

Calaram-se. Os olhos de Luiz abriram-se

de certo para o passado; evocava a mulher que havia mais de vinte anos não voltára a ver. O olhar parado contemplava o recanto feliz da mocidade, e no pendor do outeiro essa alpendrada onde Maria cantava com outras raparigas. Na retentiva de Luiz renascia, por momentos, o idílio perdido; estendiam ainda a sombra doce as

grandes nogueiras; as searas ferteis ondulavam como os cabelos de Maria; a fonte amiga, onde ambos iam beber nas tardes quentes, ouvia-a ele ainda entre os fetos e as heras... A alma terna de Luiz tinha'n'essa laora a fugidia ventura, embora dolorida, de reviver na desgraça as ilusões desfeitas. Porque foi que ela lhe jurou amor, porquê?! pensava ainda.

Mas de repente, como o bojo pardo das nuvens vae cobrindo uma nesga de céu azul—na alma do mendigo passaram ainda arripos gelados de ciúme, espétro do seu amor traído, e viu o lar abandonado para sempre, e depois a onda turva da sua vida errante por tão longe—tudo por causa d'ela, tudo por amor d'ela! A's vezes a revolta sacudia-o, como os ventos bravos encrespam e embravecem uma lagoa clara; mas logo uma bondade írlica o enternecia, e as ondas acalmavam-se n'um sonho doloroso.



Entretanto o companheiro fitava-o com um olhar de tristeza, onde havia não sei quê de ironia tragica.

A ventania voltára a assobiar nos galhos nus das arvores.

—O' Luiz, ha que tempos não passas por estas bandas?

O outro como que despertou d'um sono triste, para acordar no pesadelo da vida real, no vortilhão da tempestade e da miseria.

—Só havia muitos aonde passára uma vez para cá da serra; andára sempre muito longe...

—Vieste como os lobos, com a neve... Também nos tratam como lobos, Luiz! Vê tu: n'este casal nem uma côdea nos deram!

—Que casal é este?

—O «Casal das Rosas»...

Muito perto, estridulo, poz-se a cantar um galo.

—Já é tarde! E nós sem pregar olho!

—Vê se dormes, Luiz, que o melhor ainda é dormir—tornou o outro.—O bernal vazio, o frio a apertar, e a velhice a roer!

Fez-se um curto silencio. O outro, contudo, não dormia: apertava a manta, voltava-se nas palhas.

Ao longe ladrava um cão.

—Aquele ha de ser de guarda... Boa vida! Come como um frade, tem cama fofa, e morde-nos as canelas.

Mas Luiz não respondeu, talvez o não ouvisse, a revolver as cinzas mornas do passado, e que o acaso d'aquelle encontro ainda viera florir de lume vivo... Passado tempo, perguntou em voz tenue ao outro se dormia:

—Qual dormir! Era noite em claro, co'a bréca!

—Olha uma coisa, Antonio: *essa gente* ainda está nas Lages?

—Acho que não, vae a fazer três anos.

—Onde vivem agora?

O outro ficou algum tempo calado. Depois disse, como obedecendo a uma resolução firme:

—Queres saber onde vivem, Luiz?

—Aqui mesmo, n'este «Casal das Rosas»!...

O rosto de Luiz ficou palido como cera. Na verdade o destino era bem misterioso, atirando-o assim para aquelas palhas!

—Aqui mesmo, Luiz! E' melhor que o fiques a saber—para que não vás, por engano, pedir-lhe esmola. E eu sei lá se t'a davam! Não dão uma sêde de agua... São lobos, co'a barriga cheia. Eu quedei por ser tarde. O inverno quebrou-me as pernas...

O outro, com o cotovelo no joelho, segurava a cabeça.

—Que estás tu a remoer? tornou o companheiro. Que os leve o diabo! Ah! Luiz, o que me passou no sentido! Queres tu uma coisa?!

Luiz interrogou-o com os olhos.

Então o companheiro aproximou-se mais, a arrastar-se nas palhas, como um reptil, com os olhos faiscantes, e rouquejou:

—Queres tu? pega-se fogo ao palheiro!

O outro estremeceu, aturdido.

—Queres?! Desforra-te, Luiz! Fizeram a tua desgraça... São maus e felizes, tem dinheiro a rôdo... Sei os caminhos da serra, ninguém nos agarra... Eh! Luiz... E' um susto, homem!

Os olhos luziam-lhe ardentes no rosto lívido—aguardando a resposta.

Mas o outro respondeu com melancolia profunda:

—Não, não, Antonio! Eu não lhe posso fazer mal, a ela!...

Perto, outro galo cantava. No oriente, a luz d'alva apontava gélida, com uma claridade de eclipse, de um livor mortuario.

Os mendigos saíram para a estrada. Todos dormiam, tranquilamente, no «Casal das Rosas». Luiz olhou um pedaço essa casa, cujas paredes, em maio, as flores cobririam em grinaldas nupcias. Embuçados, cabisbaixos, batidos do vento frio, os dois lá foram seguindo lentamente, arimados aos paus, a caminho da povoação



Vivem aqui!

—Aqui?! exclamou o outro, sentando-se, com os olhos espantados.

distante. Os cães ladravam-lhes dos muros. O vento cortava sempre como navalhas.

JULIO BRANDÃO.

Na Escola de Guerra

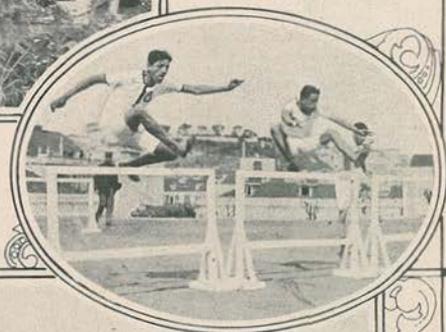


Os alunos da escola de guerra, em presença do chefe do Estado, do ministro da guerra e do corpo docente da escola, realizaram em 11 de maio os seus exercicios desportivos e atleticos, que foram apreciados por uma numerosa concurrencia.

Alguns alunos chegaram a bater o *record* dos melhores especialistas dos jogos olimpicos, o que demonstra o grande desenvolvimento da cultura fisica n'aquela modelar estabelecimento, onde se formam os officias do nosso exercito.



1. Um trecho da assistencia aos exercicios.
2. O chefe do Estado, entre o ministro da guerra e o comandante da escola, assistindo aos exercicios, com o corpo docente e varios officias.
3. Saltos em altura por alunos da Escola de Guerra,



4. Os cadetes de cavalaria no campo da escola. (Clichés Benofiel).

Rei de Hespanha em Paris



Afonso XIII foi alvo, em Paris, das mais calorosas demonstrações de amizade e simpatia, ligando-se uma grande importancia na politica internacional a essa visita a França, a qual significa uma aproximação do paiz vizinho

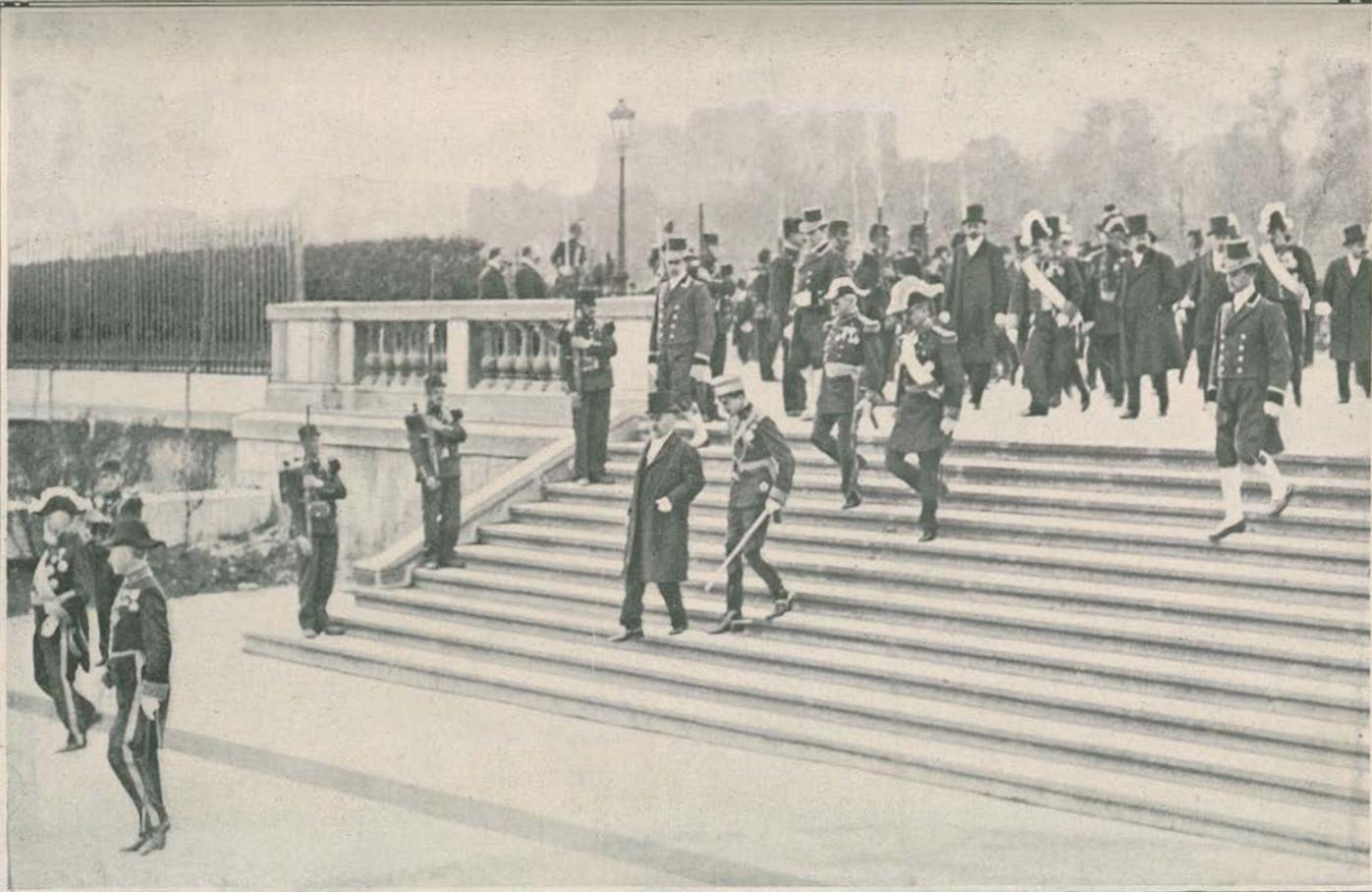


1. O rei de Hespanha Afonso XIII—2. Mr. Raymond Poincaré, presidente da Republica franceza. 3. O cortejo a caminho dos Invalidos, a fim do rei assistir á revista da guarnição de Paris. (Esta fotografia foi tirada. do alto da Camara dos Deputados, quando o cortejo atravessava a praça da Concordia e entravam na ponte as primeiras alas da guarda republicana). (Cliché Central Photos .

com aquela Republica e uma mais estreita união com a Inglaterra.

Isso se depreendeu das declarações trocadas no banquete dado em honra

do rei, no Elyseu, e do convite feito ao chefe d'Estado francez para visitar Madrid em setembro, como na confirmação do tratado.



O Presidente da Republica franceza e o rei de Hespanha deixando a tribuna oficial dos Invalidos e indo em direção ao ministerio dos estrangeiros onde o soberano se alojara.

(Clichés Central Photos)



SONETO D'AMÔR

A' porta da minh'alma tu bateste
E eu de cá perguntei:—Quem está aí?
—Uma alma que sofre e para si
Um abrigo procura, respondeste.

Eu, em face do tom por que o disseste,
Minh'alma á tua, confiante, abri.
E, desde logo, n'esse enlace vi
Ter sido em boa hora que vieste.

Mas supõe tu que, imersa em amargura,
N'um momento de indomita tortura,
Qualquer outra aqui vem seu mal expôr.

Que pensarás se a minha, enternecida,
A receber tambem?—Que, para a vida
Existir, foi que Deus creou o amôr.

14—abril—1913.

Narciso de Lacerda.

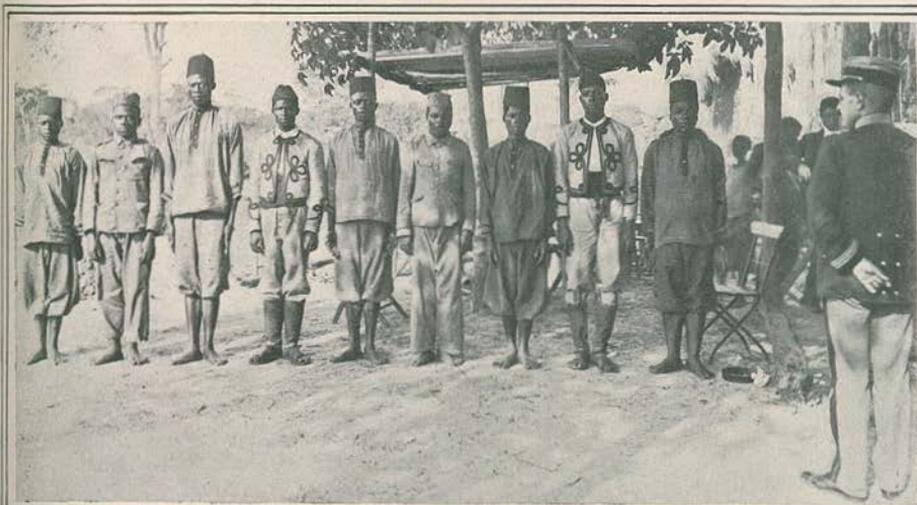


Vida Colonial

NA FRONTEIRA PORTUGUEZA E BELGA



Em Xá Quilongue: 1, sr. Miguel Barros, secretario da setima circunserção do Cuilo; 2, sr. dr. Meireies, chefe da 6.ª circunserção de Camaxilo; 3, sr. Lorensen, coronel belga; 4, sr. João Dias de Carvalho, capitão da 9.ª companhia indigena e chefe da 7.ª circunserção do Cuilo; 5, sr. Claser, sargento belga.



Em Xá Quilongue, na Lunda, fronteira belga portuguesa: Os soldados belgas com os seus calções; os soldados portugueses de calça comprida. Ao lado o capitão Dias Carvalho que foi ali conferenciar com o coronel belga Lorensen.



Dois filhos do soba Muhambo antigos subditos belgas que pediram o ato de vassalagem para entrarem no territorio portuguez.



O coronel belga Lorensen e o capitão portuguez Dias Carvalho.



Grupo de negociantes giãoocos e dois filhos do soba Muhombo.
(Cliché do distinto amator fotografico sr. Lopes Tavares)

O pintor portuense Julio Pina



1. A segunda exposição de trabalhos das suas alunas sr.^{as}: D. Amelia Azevedo, D. Maria Adelaide Queiroz, D. Albina Foutes, D. Rosette Boneville, D. Alda Pereira, D. Judit Leite Rodrigues, D. Irene Amaral, D. Deolinda Martins, D. Paulina Owen, D. Maria Saavedra, D. Helena Queiroz, D. Alice T. de Sousa, D. Umbelina Fontes, D. Aurora Teixeira Lixa, D. Carlota Carvalho e D. Ilda da Paz dos Reis.

O pintor portuense Julio Pina, cujos trabalhos já foram expostos no salão da *Illustração Por.tuguesa* com grande agrado do publico, é um dos mais distintos pintores portuenses, tendo feito um curso brilhante e sendo, em Paris, discipulo de Constant e Laurens. A exposição de trabalhos das suas numerosas alunas, agora realisada na capital do norte, honra o artista que tem já uma larga obra e dirige admiravelmente as tendencias das suas discipulas.



2. No atelier do professor.
3. O pintor sr. Julio Pina.



4. Aspêto da exposição no dia da abertura.



O caricaturista dr. Virgílio Ferreira



O distinto pintor Artur Ramos



Dr. Virgílio Ferreira

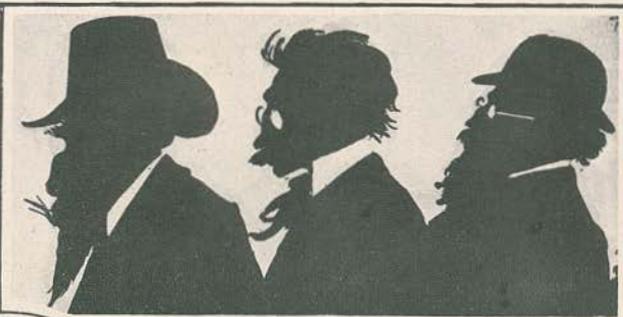


Sr. dr. Antonio Joice (Desenho inédito feito durante uma ceia no «Internacional»)

A morte d'uma pessoa querida pôde trazer uma suprema consolação á nossa saudade: é que aos nossos labios, sobre a sua memoria, seja impossível pronunciar senão palavras d'uma

licadas, generosas e perfeitas almas que me tem sido dado conhecer. Juntos vivemos uma larga vida de estudantes e, em muitos anos de intima camaradagem, ela foi uma constante afirmação

completa e pura admiração. Vivem depois dentro de nós as suas recordações como claros deuses lares, em cuja adoração buscamos,



Tipos portugueses

de lealdade, desinteresse, sonho na idealista e brava independencia de carater.

Juntos entramos na greve academica de 1907. Por mim, obedecendo a um melindroso orgulho, que

não gosta de barafustar exhibições, nunca celebrei a *Intransigencia* de então.



Dr. Jaime Cortezão.



Sr. João Augusto Ribeiro, illustre pintor e professor.



Sr. Leonardo Coimbra, illustre professor

mais que um alivio ao tedio da miseria vulgar, o esforço para a luta da nossa propria Beleza.

Esse meu pobre amigo Virgílio Ferreira, que morreu aos 29 anos incompletos, foi, n'este tão vario mundo e oxalá o seja na outra Vida! uma das mais de-

Dou hoje treguas ao meu silêncio para afirmar que Virgílio Ferreira foi um dos mais nobres *intransigentes* n'essa *gréve*, pois nem sequer transigiu com a vaidade, a irri-tação e o acinte ortodoxo com que muitos outros transigi-ram. Por isso mesmo nos dois grupos, em que a *gré-ve* separou a academia de então, o Virgílio con-tinuou, sem quebra de nobreza, a ter amigos

ou um artista de criações su-premas. Mas dentro das suas qualidades—o seguro intuito da face comica das coisas, a fa-cilidade e rapidez da execu-ção, a desartificiosa graça, a veia perene d'um humor só ex-ccionalmente caustico e uma pro-digiosa retentiva, foi o seu tempe-ra-mento cheio de exuberancia.



1. Dr. Manuel d'Arriaga.

e admi-ra-dores, um fervoroso grupo de rapazes, aos quaes a sua corren-te bondade namorára para sem-pre. Como caricaturis-ta, não foi Virgílio Ferreira um grande inovador, um tempe-ramento de rutila ori-ginalidade

Sim! raras vezes foi sangren-to, só por exceção levou o com-entario até á punhalada, mas, em compensação, riu abertamen-te com sinceras gargalhadas nas bochechas de quantos parvos, inuteis e trastes que encontrou n'este mundo de Cristo.

Sonhador e idealista, muitas das suas paginas teem a supe-rioridade do seu nobre e gene-roso espi-rito justi-ceiro. In-teressado pela vida dos humil-des, olhan-do a mise-ria das ruas com olhos de simpatia e carinho—ha na sua obra uma preciosa



2. O qual foi concebido por obra e graça do Espírito Santo
3. O sr. dr. Dias d'Almeida, professor da Faculdade de Medicina do Porto,
4. Sr. dr. Romulo d'Oliveira, inspetor da policia do Porto.





Sr. Artur Loureiro, ilustre pintor.

coleção de tipos populares do Porto, alguns dos quaes já desaparecidos: o Veiga, o Doutor, o Marmelo, o Luizinho, etc., trabalhos d'uma sobriedade de traço e d'uma flagrança admiráveis. Para o estudo dos ridiculos

d'uma epoca, ha na obra de Virgilio Ferreira um repositório de apontamentos do mais alto valor.

E' folhear a coleção de jornaes e revistas por onde fica dispersa a sua atividade de artista: «A Voz Publica», «A



Cristiano de Carvalho, ilustre caricaturista.

«Limia», «O Riso», «A Bomba», «Phenix», «A Aguia» (1.ª serie), etc., etc.

A dar eloquencia ás minhas palavras vae ao lado a repro-



Dr. Jaime Cortezão e o caricaturista por ele proprio.



O deputado dr. Angelo Vaz.

Montanha», «O Povo», a «Vida», «Nova Silva», «Ilustração Popular», dução d'alguns dos seus trabalhos, e d'entre os desenhos ineditos que



d'ele possuo, a maior parte dos quaes não tenho presente mente á mão, escolhi um desenho em que, ao lado da minha caricatura, está a sua auto-caricatura.

Após qualquer amistosa e ironica censura que, em carta, lhe dirigira, respondia-me ele com esse engraçadissimo postal, onde ambos somos caricaturados e em que ele me pede o seu galho feiro perdão.

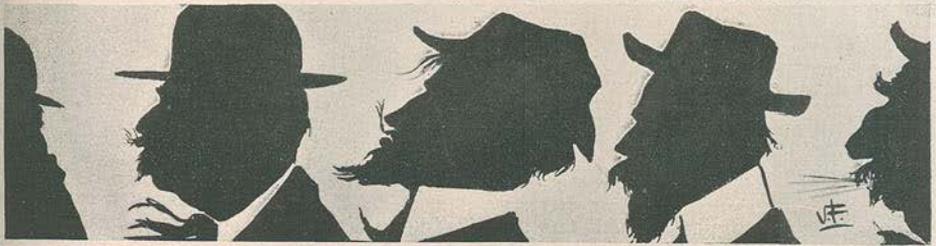
O que aqui fica, é bem de vêr, nem pretende sequer ser um esboço critico: é apenas a admirativa e saudosa noticia d'uma be-



la Alma de Artista que, na Vida, deixou uma recordação sem macula.

Assim, n'essas paginas, essa recordação viva da sua imagem, pudesse, á semelhança de uma flôr esquecida entre as paginas de um livro, conservar, para sempre, um resto do seu raro encanto e um haítto ainda do seu gostoso perfume!

Jaime Cortesão.



A parreira do convento d'Almoster

O convento d'Almoster, cujos claustros são pitorescas ruínas, deu o nome á viloria, conforme o seu historiador o padre Mendes Salgueiro que ali pastoreia hoje, o indica nos seus apontamentos ainda ineditos. Al-monasterium; Al-moster.

Foram os monges beneditinos, os mais sabedores, os que amavam o recolhimento para as coisas doudas, que escolheram esse logar pitoresco para ali viverem em leituras e orações. As invasões arabes vieram; passaram as mesnaldas como furacões devastadores e as ruínas venerandas atestaram que ali se amou um Deus que elas não amavam. Uma viuva devota, quando a con-

documentos relativos ao convento de Almoster) foi mandada plantar por D. Brites de Mendonça, da casa dos condes de Vale de Reis, em 1629, sendo abadessa no mesmo ano em que mandou fazer uma fonte monumental, cujas ruínas ainda existem no sub-solo, ao lado da parreira.

O tronco d'esta, junto ao chão, mede 2 metros de circumferencia; pouco acima do chão cinde-se em cinco partes, n'uma circumferencia superior a 3 metros, tendo a mais grossa d'essas cinco partes 0^m,87. A 0^m,83 de altura ligam-se essas cinco partes em tres grossos braços. A' altura de 1^m,70 subdivide-se em seis grandes bra-



Parreira monstro existente no claustro do convento

quista se fez novamente e os cristãos dominaram, mandou reedificar aquelas paredes. Restabeleceu-se o culto e os tempos passaram sobre ele, deixando-lhe as suas dedadas como hoje lá se vêm nos seus muros e claustros.

Uma coisa, todavia, resistiu aos seculos n'aquelle mesmo logar: uma parreira, a mais antiga do paiz, e que tem historia.

Por umas notas colhidas em documentos existentes na Torre do Tombo (L.^o 4.^o da 1.^a caixa dos

cos, de 0^m,25, 0^m,34, 0^m,41, 0^m,52, 0^m,54 e 0^m,47, que se alongam n'uma superficie de 8^m,75×7^m,10 sustidos por doze forcas de ferro de 2 metros de altura.

Era antigamente de abundante produçãõ de cachos de 3 kilos e mais de peso cada um, e não era maravilha produzir uma tina vindima, das grandes, de uvas, reduzindo-se depois a produçãõ por falta de tratamento e ainda por estar no meio de um matagal de buxo e outros arbustos. Em 1912 foi tratada e a produçãõ voltou a aumen-

tar, dando cachos de cerca de 2 kilos, com 0.^m30 de comprimento e bagos grossos como ameixas, mas mal

ca e lhe estorva o desenvolvimento dos braços, que podiam ter o dobro ou o triplo da extensão.



Egreja e ruínas do claustro



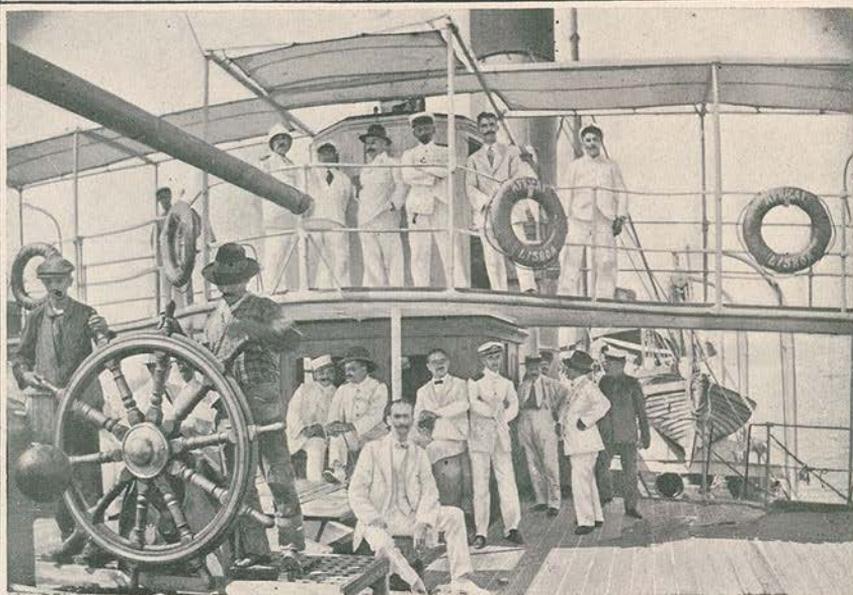
Vista do outeiro e aspéto da horta. (Clichés da fotografia Sequeira, Santarem)

amadurecidos por falta de sol, que lhe é tirado pelo arvoredro que a cêr-

Esta parreíra e claustro pertencem hoje á Coudelaria Nacional.

O AFRICA

Transforma-se de navio de guerra em barco mercante



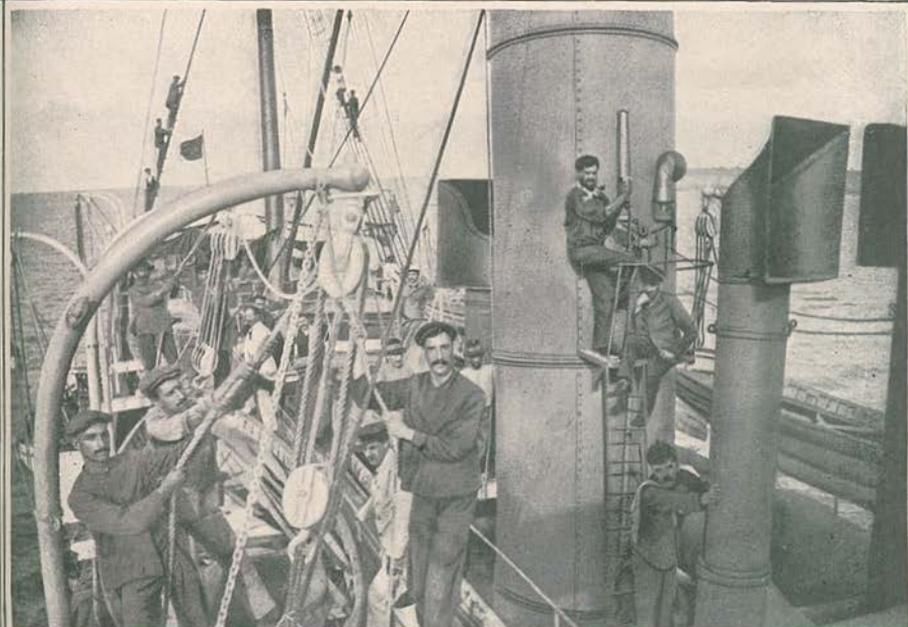
1. A bordo do *Africa* no dia da festa: (Da direita para a esquerda) 1, patrão-mór; 2, representante da Empresa do *Africa*; 3, comandante do *Africa*; 4, capitão do porto

O transporte «Africa» passou a ser um navio mercante que ficou matriculado na praça de Loanda com o nome de «Africa I».

Ha dias realizou-se a sua experiencia largando da Ca-



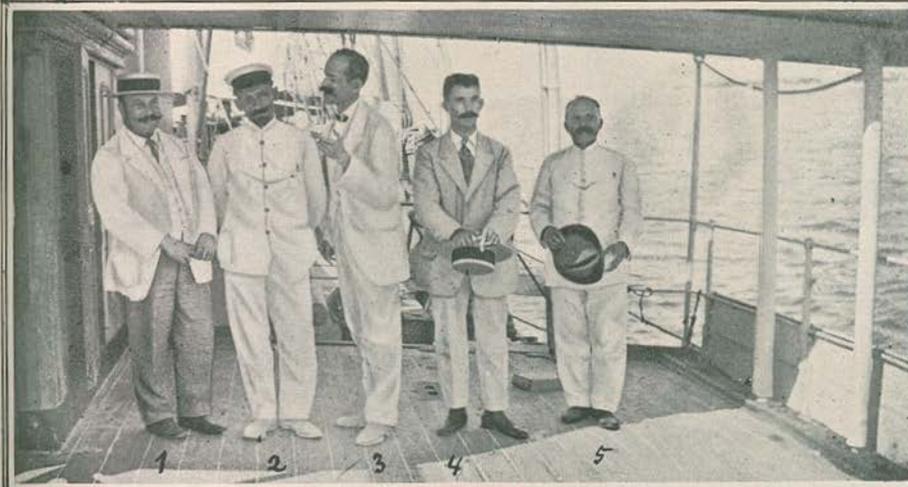
2. O «Africa» fundeado.—3. Os convidados a bordo, no dia da festa oferecida pelos armadores.



Os exercícios de manobras: escalar ao mar.

pitania em Loanda e indo até às Parreirinhas, dando os melhores resultados, funcionando as suas maquinas com verdadeira precisão e navegando maravilhosamente o barco de que é comandante o distinto oficial da marinha mercante sr.

Benevenuto dos Santos. A bordo, no dia das experiencias, houve uma agradável festa a que concorreu todo o elemento oficial, commerciantes e as mais distintas senhoras da capital Angolense.



A bordo do «Africa»: 1, ex-presidente da Associação Commercial de Loanda, sr. Joaquim F. Madaleno Junior; 2, comandante do «Africa», Benevenuto dos Santos; 3, director do jornal a «Verdade», dr. Rosa Junior; 4, representante da Empresa do «Africa», sr. Joaquim Gomes; 5, comandante do pequeno vaporri costeiro «Massabi»—(Clichés do sr. Paulino Santos)

Educação Física

CONGRESSO DE PARIS

O congresso internacional de educação física, realizado de 17 a 20 de março ultimo pela Faculdade de Medicina da Universidade de Paris, é mais uma prova da atenção que a este ramo do ensino estão ligando estadistas, medicos e pedagogos. O sucesso obtido por este congresso foi consideravel, atenta não só a importancia das questões de que n'ele se tratou mas ainda o valor incontestavel das personalidades que d'essas questões se ocuparam.



Uma posição atletica: Ginastica sueca em equilibrio arqueado sobre a viga.

Mas o que mais fez destacar este congresso dos anteriores, sobretudo do de Bruxelas (1910) e do de Odessa (1911), foi o ter estabelecido demonstrações praticas que permitissem aos sistemas de ginastica mais seguidos de se pôrem em paralelo, deixando assim apreciar melhor as suas vantagens e desvantagens.

D'esses sistemas de ginastica o que d'uma maneira bem nitida mais se destacou foi o adotado pelas nações do Norte, sistema geralmente conhecido pelo nome de «ginastica sueca», por ter sido creado pelo sueco P. H. Ling que, orientando os seus estudos no conhecimento da anatomia e fisiologia humanas, deu aos exercicios que compoz uma base puramente cientifica.

Em sessões varias dadas no magnifico «Palais des Sports» pelas «équipes» representativas da Suécia, Dinamarca e Belgica, os membros do congresso de Paris puderam julgar de visu dos excelentes resultados que se podem obter com o emprego d'essa ginastica.

As gravuras que acompanham este artigo mostram aos leitores da «Ilustração Portuguesa» alguns dos exercicios



Equipe belga. Exercicios para os musculos lateraes.



Equipe belga: Exercícios para os músculos abdominaes.

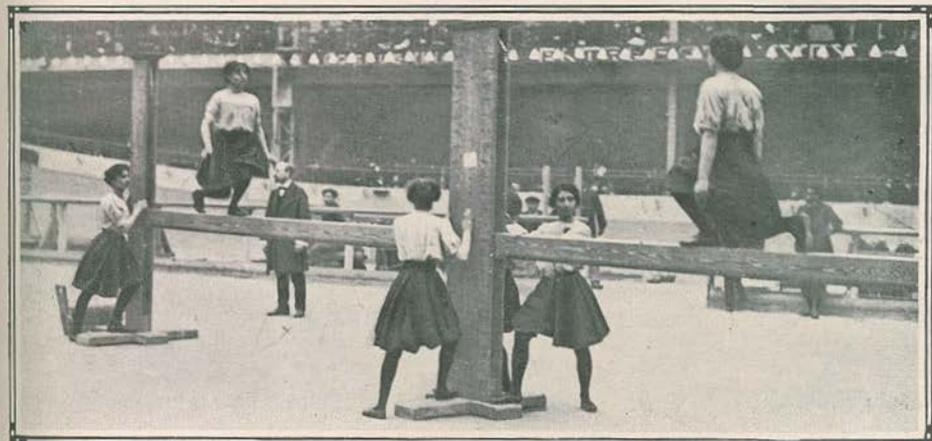
realizados n'essas sessões e dão uma ideia precisa do espetáculo de energia e de disciplina que aos milhares de assistentes ofereceram alguns dos povos do Norte.

Em Portugal a importante questão da educação física começou n'estes ultimos anos a merecer a atenção dos dirigentes do Estado. O governo portuguez mostrou todo o inte-

dos Pupilos do Exército de Terra e Mar.

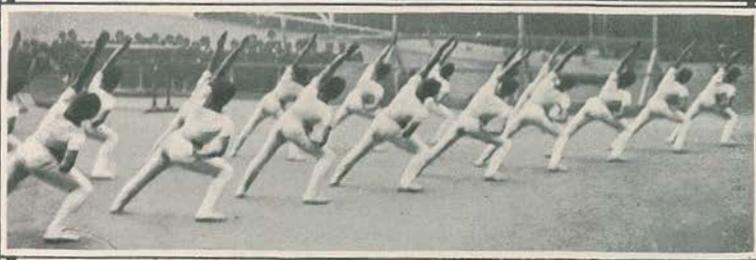
Na importante «Exposição de Educação Física e de Sports», que esteve aberta durante o congresso, Portugal concorreu d'uma maneira honrosa, expondo na mesma galeria que a Liga Nacional de Educação Física Belga uma serie de quadros que davam uma bela impressão e que mostravam os excellentes resultados obtidos em educação fisi-

Antonio A. de Figueiredo, presidente da Seção Nacional Portuguesa da Instituição Internacional de Educação Física e diretor do Instituto Profissional



Equipe belga composta de professores de Bruxelas: Equilibrio sobre a viga; o professor De Genst + assistindo aos exercicios.

resse que ligava ao congresso de Paris fazendo-se representar por uma importante delegação de que era chefe o capitão sr.



Equipe dinamarqueza: Exercício para os músculos lateraes.

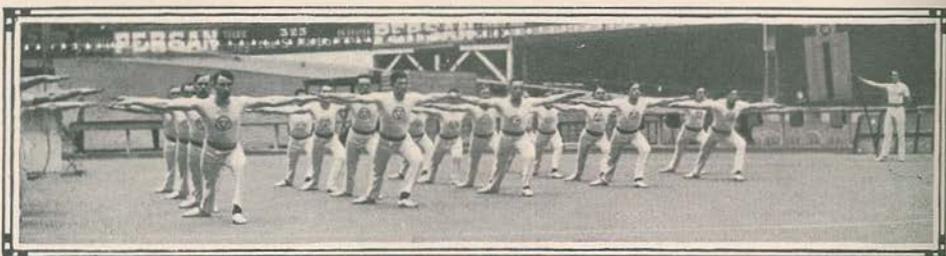


Sociedade União Cristã da Mocidade. Equipe sueca: Exercício forte para os músculos dorsaes que mostra como no sistema de Ling sem o auxilio de aparelhos se podem fazer movimentos d'uma grande complexibilidade.

ca pelo Colegio Militar, pelo Instituto dos Pupilos do Exercito e pela casa de correção de Lisboa.

Foi com orgulho que eu vi Portugal figurar pela primeira vez n'uma exposição d'es-

gresso de Paris deve constituir para eles o melhor galardão. Que continuem a esforçar-se pelo desenvolvimento da educação física, moral e intelectual na nossa escola e poderão orgulhar-se de ter contribuido da manei-



Exercícios para os músculos dorsaes.

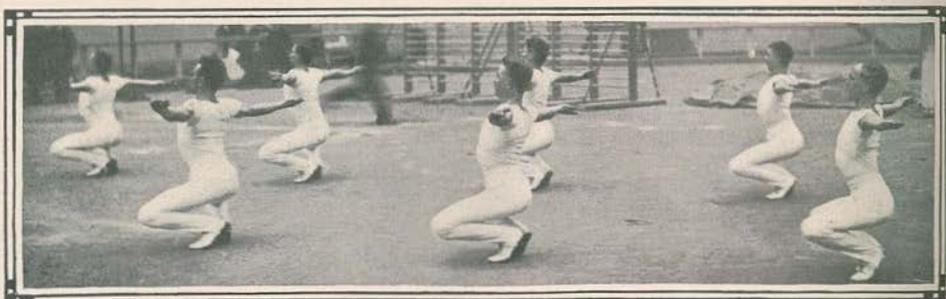
te genero. O que ali se encontrava era o resultado de muito trabalho e de muito esforço, a que não se furtaram alguns portugueses para quem a questão da Educação prima sobre todas as outras.

O sucesso obtido na Exposição do con-

ra mais segura para a regeneração do povo portuguez e para a prosperidade da Patria, que acima de tudo devemos amar.

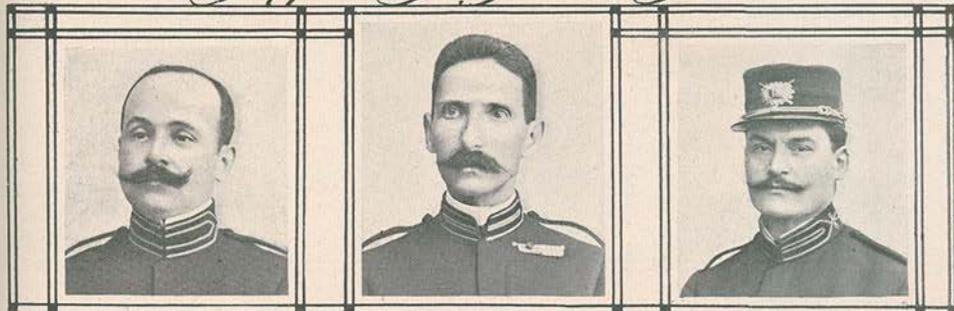
Gand, abril 913.

João Gomes d'Oliveira.



Equipe dinamarqueza: Exercício para as pernas e para os braços.

Figuras e Factos



1. Capitão Jaime Vaz, adjunto ao comando militar de Angra.—2 O coronel sr. Ribeiro da Fonseca, comandante militar dos Açores, nomeado em virtude de terem para ali sido condatizados os presos dos últimos acontecimentos políticos.—3. Sr. Pedro Boto Machado, novo governador de S. Tomé.



Sr. João Antonio Fernandes, importante industrial, falecido em 6 de maio

O comandante militar de Angra, a quem competirá toda a jurisdição do distrito é o sr. coronel Ribeiro da Fonseca, que tem uma larga folha de serviços.

Sob a sua alçada correrão os processos dos im-



O propagandista Judice Biker, preso em virtude dos últimos acontecimentos políticos.



Sr. Luiz Coelho, moço poeta que acaba de fazer a sua estreia com o volume de líricas «Malaventurados», no qual se encontram belas estrofes.

plicados no «complot» de abril e que seguiram no «Cabo Verde» a fim de serem julgados na fortaleza de S. João Batista.



As festas da arvore tem-se ido realizando por todo o paiz que correspondeu á bela iniciativa do «S'culo A rico'a». Um aspeto da festa da arvore em Serra d'El-Rei:



Tenente sr. Utra Machado, governador da Lunda.

Alferes sr. Manuel João Coelho.

Alferes sr. Adriano Pires.

Os officiaes da columna que vae atacar os rebeldes de Quembo, que massacraram o alferes sr. José Joaquim dos Santos e treze soldados indigenas



O sr. Luiz Gonçalves de Sousa Machado, importante negociante em Africa, recentemente falecido.

O sr. José Vieira Fi'za, conhecido industrial, falecido em 8 de maio.



Um soberbo exemplar de veado bravo, de 3 anos de idade, da serra do Gerez, morto na encosta da Agua da Adega Lonte.



A direção da Fenix Caixaerial do Pará, uma prestimosa associação que conta grande numero de associados.



Sr. D. Manuel Batista da Cunha, arcebispo de Braga, falecido em 13 de maio em Vila do Conde, onde se encontrava desterrado

Sr. dr. Eduardo A. da Costa Santos, ilustre clínico em Santarem, falecido em 9 de maio.

Sr. Francisco Xavier Salgado, digno comerciante da nossa praça, falecido recentemente

Reverendo José Ferreira Nunes, inspetor do centro escolar de Tavira, recentemente falecido.

Quando das festas do Barreiro, promovidas pelos bombeiros voluntarios, houve um concurso de beleza infantil a que concorreram as creanças mais formosas da vila, ficando divididas em grupos por edades, ás quaes se conferiram valiosos premios.



O concurso de beleza infantil, promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntarios do Barreiro

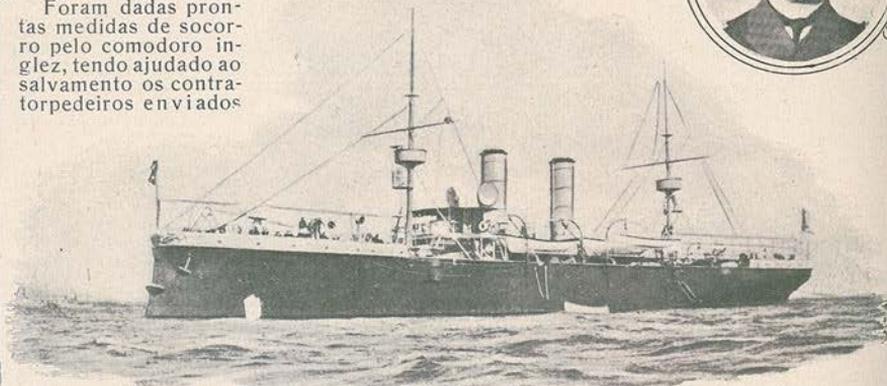
As creanças classificadas no 1.º grupo: 1. Castalina Lopes; 2. Eusebio Pinto; 3. Manuela dos Santos; 4. Lidia Patista.—As creanças classificadas no 2.º grupo: 5. Fernanda Bravo; 6. Maria Candida; 7. Ana Rezende; 8. Clementina Gomes. (Clichés Rezende)

O comicio
realizado em



Aspêto do comicio realizado em S. Vicente, a fim de obter do governo a pronta realisação do contrato com a casa Blandy, para estabelecer um deposito de carvão na ilha. Presidiu o sr. Francisco Fialho, um dos mais conceituados negociantes das ilhas de Cabo Verde.

O cruzador *Adamastor*, do comando do capitão tenente sr. Sousa Dias, um dos officiaes revolucionarios, encalhou n'um rochedo junto do canal de Hong-Kong e a ilha Chung, sofrendo uma avaria, e não havendo a lamentar nenhuma vitima. Foram dadas prontas medidas de socorro pelo comodoro inglez, tendo ajudado ao salvamento os contratorpedeiros enviados



1. O capitão-tenente sr. Sousa Dias, comandante do *Adamastor*—2. O *Adamastor*, que sofreu uma avaria junto do canal de Hong-Kong.

de Hong-Kong. A canhoneira *Patria* tambem foi logo para o local do sinistro, recebendo muita da tripulação do cruzador, que saíra de Shangae em direção á metropole, a fim de se encorporar n'uma divisão naval que devia partir do Tejo em julho e cuja constituição ficou, por este motivo, alterada.

No palacete da Arcada de Londres apresentou-se o sr. Angelo Mota Marques n'um concerto a que concorreu grande numero de pessoas da alta sociedade e deante das quaes mostrou os seus dotes de cantor de talento.



3. Sr. Angelo da Mota Marques. 4. A assistencia á festa musical promovida pelo sr. Angelo da Mota Marques, a qual se realisou na Arcada de Londres, tendo aquele senhor mostrado os seus excellentes recursos de cantor-amador.

SONETOS D'AMOR

O Juri de Concurso



Sr. Cr. Augusto Gil

Sr. Lopes de Mendonça.

Encerrado o concurso de sonetos d'amor vae reunir o juri, a fim de julgar as produções que nos foram enviadas e que bem indicaram o grau de interesse que despertou essa iniciativa da *Ilustração Portuguesa*.

Trezentos e sessenta cinco concorrentes, alguns dos quaes fizeram tres composições,

numero maximo que cada um podia mandar, terão os seus trabalhos analisados pelo juri, devendo caber os premios de valor ás tres primeiras classificadas e sendo as consideradas dignas d'isso insertas successivamente no *magazine*.

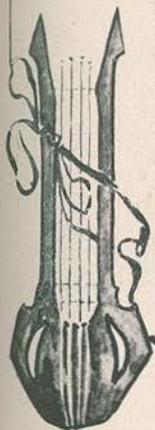
Não podia recair em mais autorisados nomes a escolha do juri d'esse

concurso sensacional, cujo ultimo livro, o *Canto da Cigarra*, causou um verdadeiro successo.

São estes os membros do juri que ha de conferir os premios aos concorrentes d'esta iniciativa artistica, que decerto vae contribuir para revelar aopaiz alguns poetas que, sem esse meio, se veriam muito tempo no anonimato, dadas as condições de publicidade entre nós.

concurso sensacional.

Tres dos nossos mais illustres poetas se reunirão para deliberar e são elles o illustre autor do *Duque de Vizeu*, Lopes de Mendonça; Julio Dantas, o festejadissimo artista da *Ceia dos Cardaes* e Augusto Gil, um dos mais talentosos poetas nats



A Festa das Cruzes em Barcelos

Barcelos é, das lindas terras do florido Minho, uma das mais belas e importantes, pela sua antiguidade histórica, pelo valor da sua agricultura, do seu comércio, da sua indústria, pelas belezas naturais que a adornam, pela hospitaleira afabilidade dos seus habitantes. Elegante na sua casaria multiforme, alguns edificios modernos dando ao conjunto um aspecto agradável, com largos e extensos arruamentos e um vastissimo campo de feira, rodeado por campos férteis, aldeias ridentes, encostas arborizadas, Barcelos, que assenta n'uma larga planície, abraça-se a Barcelinhos pela velha ponte romana, e tem a banhar-lhe a fim-



bria roçagante de verdura que a veste, n'uma carícia mole e sugestiva, a corrente suave e limpa do Cavado, um dos mais poeticos e pitorescos rios de Portugal.

Como outras territas da provincia, Barcelos, que é talvez, em numero de freguezias, o maior concelho do paiz, tem a sua festividade annual — a festa das Cruzes — festividade que uma antiga lenda religiosa realça de tocante singularidade, e que atinge sempre um raro brilhantismo.

Ali acorreram nos primeiros dias de maio, de todas as povoações visinhas —

Espozende, Fão, Viana, Braga, Guimarães, Famalicão, Santo Tirso e até do Porto — em carros, automoveis, ou pelo com-



1. A lavradeira premiada que se apresentou mais bem vestida.—2. Comissão de senhoras que organisou e levou a efeito uma brilhante batalha de flores: sr.^{as} D. Amelia Sá Carneiro, D. Maria Fernanda d'Azevedo, D. Domingas Beza, D. Maria Eugénia Terroso, D. Maria do Carmo Costa, D. Maria Beza, D. Maria Monteiro, D. Maria Azevedo, D. Maria Serra e Costa, D. Graça Lamela, D. Berta Baltazar, D. Maria Leão, D. Izabel Vieira, D. Maria Julia Alves Pereira e Lima, D. Maria d'Oliveira, D. Carolina Lima, D. Beatriz Sá Carneiro, D. Elvira Moreira, D. Violante d'Albuquerque, D. Rosa da Costa, D. Umbelina Faria, D. Maria Pereira, D. Ana Maciel, D. Adelia d'Oliveira, D. Rosinha Azevedo e D. Maria Gomes Pereira.

boio, pessoas numerosas, de todas as condições sociais, que á encantadora vila, ordinariamente pacata, imprimiram um movimento estranho, uma estrepitosa manifestação de vida, de graça e de rego-sijo.

Houve ali duas touradas magnificas, uma brilhante parada agricola, demonstrativa da obra de progresso e de engrandecimento que em prol da agricultura se está realizando n'aquela concelho; uma grandiosa batalha de fiôres, promovida pelas senhoras da terra, e a que deram uma nota impressionante de formosura, gentileza e vivacidade; e, a coroar as esplendidas festas, um surpreendente e fantastico festival noturno, no rio Cavado, cujas margens iluminadas, de combinação com a policromia do fogo de artificio, constituíam



um espetaculo admiravel, de maravilha e de encanto, de surpresa e de embevecimento, de feeria e de sonho.

Sobre a escarpa sobranceira ao rio, em frente á ponte, parecia que as ruinas dos velhos paços dos cond es de Barcelos se animaram, n'essa noite de magia, com um estranho e ruidoso fremito de vida. Simplesmente, em vez de loiras castelãs romanticas, topava a gente apenas com bonitas e vigorosas camponezas, cujo olhar ingenuo, d'um misticismo vago, nos enlevava a alma em sensações indefinidas e doces.

As festas de Cruzes! Lá voltarei para o ano, tão carinhosos são os braços com que Barcelos sempre me acolhe, por tão cariciosa maneira essas Cruzes me fazem esquecer as cruzes da fadiga e do tedio.

5-V-913.

S. M.

1. Um trecho das ornamentações da rua D. Antonio Barroso—2. Outro aspêto da passagem do cortejo agricola. (Clíchés do amator sr. Antonio de Vasconcelos.)

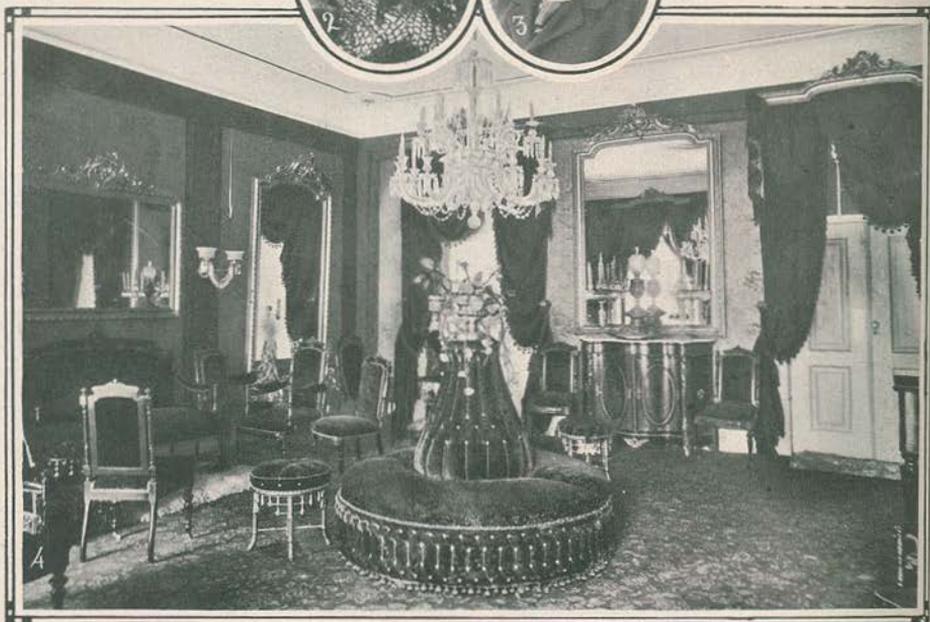
Os velhinhos d'Alcohaça vivem n'um palácio



Inaugurou-se em Alco-
baça, no domingo, 4 do
corrente o «Asilo de vel-
hinhos Maria e Oliveira».
A sr.^a D. Maria do Car-
mo Eliseu e Oliveira e o



veres fosse destinado á
fundação de um asilo pa-
ra velhinhos, depois da
morte do ultimo. Aquela
senhora, porém, com a
maior abnegação e altruis-



1. Sr.^a D. Maria d'Oliveira, fundadora do asilo; 2. D. Maria da Piedade Figueiredo Costa, dama de companhia da fundadora e sua entusiastica colaboradora; 3. Sr.^a D. Maria da Anunciação da Costa Figueiredo; 4. D. Maria Aurea da Costa Figueiredo.— 2. Sr.^a D. Maria do Carmo Eliseu e Oliveira.— 3. Sr. Manuel José de Sousa e Oliveira, fundadores do asilo de velhinhos Maria e Oliveira.— 4. Trecho do salão do asilo de velhinhos Maria e Oliveira.

sr. Manuel José de Sousa Oliveira, ha dez
anos falecido—dois esposos queridos—
tinham resolvido que uma parte dos seus ha-

mo quiz fundar em sua vida a bela insti-
tuição projetada. Cedeu para isso a sua pro-
pria e formosa vivenda, com o seu belo par-

que, jardim e vasta propriedade anexa. E cedeu tudo—desde o mais suntuoso mobiliário—como se vê da gravura representativa do salão—a vasta serie de comodidades materiaes e espirituaes que gosava.

Foi n'um entusiasmo e ternura crescen-



Feliz e santa é a creatura que, vergada ao peso dos seus 70 anos, manteve vi-vida e poderosa uma energia capaz de produzir tão bela obra.

Belo exemplo é este, exemplo que deve registrar-se como formosa lição moral.



1. Fachada do Asilo de Velhinhos Maria e Oliveira (Cliché do distinto fotografo amator sr. A. Natividade)—2. Nas escadarias do parque: Um grupo d'asilados. (Cliché do sr. Carlos Gomes, fotografo na Nazaré e Alcobça).

te que ela fez toda a roupa branca dos seus velhinhos, foi ela quem previdente-mente fiou o linho para os lençoes e toa-lhas, desde os tempos da sua mocidade, foi ela quem, cheia de carinho, determi-nou a fórma de todo o vestuario.

Para a vila de Alcobça foi o dia de uma santa e comovente festa; e esta linda terra muito bem soube fazer á ilus-tre e benemerita senhora a mais sincera e sentida manifestação do seu reconhe-cimento.

As festas em Vila Franca



Um dos mais belos carros alegóricos do cortejo: O carro do sr. Palha Blanco.

As festas de Vila Franca revestiram-se de um excepcional brilho.

A pitoresca vila á beira do Tejo, com a sua grande importancia comercial e agricola, fez uma verdadeira parada dos seus recursos, como puderam analisar os forasteiros que dos arredores e



Os campinos no cortejo.

jogo da rosa e danças regionaes, havendo vistosas iluminações no largo.

Na feira, que pela primeira vez se realizou no Cabo, margem sul, appareceram cinco mil cabeças de gado, tendo só o sr. Palha Blanco vendido vinte e cinco bois a setenta mil réis cada um.



A comissão das festas passando com o cortejo. (Clichés Benollet).